

## Peter Singer e o Altruísmo Eficaz: uma análise sobre a questão animal<sup>1</sup>

*Peter Singer and Effective Altruism: an analysis of the animal question*

Fabício Santos Bittencourt<sup>2</sup>

**Resumo:** O Altruísmo Eficaz é um movimento que valoriza a eficácia e visa criar um mundo melhor. Este estudo teórico-analítico pretende avaliar a afirmação de que esse movimento poderia contribuir para gerar um desfecho mais favorável para os animais não-humanos. Para tanto, ele se baseia em trechos selecionados do livro *O maior bem que podemos fazer*, do filósofo australiano Peter Singer, além de contribuições de outros autores, e de duas obras do filósofo, a saber: *Libertação animal* e *Ética prática*. Os resultados enfatizam a articulação entre ideias relativas ao movimento e à ação moral, destacando ocasionalmente convergências com o utilitarismo. Com base nisso, sugere-se que análises contrárias à consideração moral dos animais não-humanos enfrentam dificuldades decorrentes da negligência de interesses compartilhados entre humanos e animais.

**Palavras-chave:** Ética animal. Eficácia. Utilitarismo. Ação moral.

**Abstract:** Effective Altruism is a movement that values effectiveness and aims to create a better world. This theoretical and analytical study aims to evaluate the claim that this movement could contribute to producing a more favorable outcome for non-human animals. To do so, it draws on selected passages from the book *The most good you can do* by Australian philosopher Peter Singer, as well as contributions from other authors, and from two works by the philosopher, namely: *Animal liberation* and *Practical ethics*. The results emphasize the articulation between ideas related to the movement and moral action, occasionally highlighting convergences with utilitarianism. On this basis, it is suggested that analyses opposing the moral consideration of non-human animals face difficulties arising from the neglect of shared interests between humans and animals.

**Keywords:** Animal ethics. Efficacy. Utilitarianism. Moral action.

### 1. Introdução

Quando pensamos em questões morais, uma ideia importante é que o círculo de consideração moral de alguém – o conjunto daqueles que são incluídos em suas preocupações morais – determina os resultados que uma ação pode ter. Como sugerem Paiva, Almeida e Guimarães (2021, p.141), “a consideração moral diz respeito à possibilidade de incluir um ser (ou grupos de seres) num estatuto moral que permita que ele(s) não seja(m) ignorado(s) ou tratado(s) de modo arbitrário”. Com a exclusão, estes resultados podem mudar radicalmente, suscitando ações para a minimização desses e a redução do sofrimento dos entes subalternizados.

<sup>1</sup> As traduções de trechos de obras em língua estrangeira foram realizadas pelo autor.

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9973304880096673> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2256-3539> .

No caso dos animais não-humanos, ao refletirmos sobre a sua consideração moral, somos convidados à produção do melhor desfecho possível, já que somente “[...] o número de animais criados e abatidos para consumo por ano no mundo [...]”, como afirma Arioch (2021, não paginado), “[...] equivale a mais de 11 vezes a população humana global”<sup>3</sup>. Logo, a negligência da necessidade de uma conscientização para a consideração moral desses entes é um desafio a ser superado. Nesse sentido, o Altruísmo Eficaz, “[...] [um] novo movimento [...] baseado na [...] ideia [...] [de que] devemos fazer o maior bem que pudermos” (Singer, 2015f, p.VII), pode contribuir para gerar um desfecho mais favorável, por valorizar a eficácia na agência moral, e por contribuir para a minimização do sofrimento de alguns desses animais<sup>4</sup>; uma afirmação que pretendemos analisar nesse trabalho.

Nesse contexto, a figura do proeminente filósofo utilitarista Peter Singer emerge como um expoente central, tanto por sua contribuição ao Altruísmo Eficaz quanto por sua relevância na ética animal contemporânea. Assim, visando avaliar aquela afirmação anterior sobre esse movimento, escolhemos como base para o nosso estudo algumas partes do seu livro *The most good you can do: How effective altruism is changing ideas about living ethically* (*O maior bem que podemos fazer: Como o altruísmo eficaz está a mudar as ideias sobre viver eticamente*): a saber, os capítulos 1 (*What Is Effective Altruism?*), 11 (*Are Some Causes Objectively Better than Others?*), 12 (*Difficult Comparisons*) e 13 (*Reducing Animal Suffering and Protecting Nature*); além de contribuições do autor em *Animal liberation* (*Libertação animal*) e *Practical ethics* (*Ética prática*), bem como de dados e discussões distintas mobilizadas pontualmente, sobretudo nas considerações finais, com vistas a contextualizar e ampliar a análise.

Tendo em vista o objetivo proposto, este trabalho foi desenvolvido em três partes. Na primeira seção, buscamos caracterizar o movimento. Em 2.1 discutimos a pergunta que dá nome ao capítulo 11 do livro, sobre as causas a serem priorizadas. E, por fim, na seção 3, abordamos conexões entre a proposta do movimento e a consideração moral dos animais não-humanos.

## 2. Caracterizando o movimento

<sup>3</sup> De acordo com a Humane Society International (*[sine data]* apud ARIOCH, 2021, não paginado) essa quantia já chegou a 88 bilhões. No entanto, para Cunha (2024a, não paginado), “[...] os 80 bilhões, normalmente mencionados pelos ativistas, representam apenas algo entre 0,1 % e 0,2% dos animais mortos para consumo”. Por outro lado, há outro grupo que sofre mais diretamente com os processos naturais e, por isso, pode estar sujeito a quantidades ainda maiores de sofrimento: o dos animais na natureza. Assim, poderíamos destacar a grande diferença na quantidade de entes em ambos os grupos. Segundo Cunha (2024a, não paginado), “se fizermos uma analogia com o período de um ano, a soma das populações de animais na exploração representariam no máximo 14 segundos. Todo o restante do ano seriam os animais na natureza”.

<sup>4</sup> Para tornar esse trabalho mais articulado com as referências adotadas, exceto quando explícito, optamos por utilizar os termos “animais não-humanos” e “animais” como sinônimos.

Conforme abordado por Singer (2015h, p.04-07), o Altruísmo Eficaz preconiza o emprego ponderado e comparativo do tempo, recursos financeiros e capacidades individuais, com ênfase na análise das consequências e na eficácia das intervenções. Com base nisso, torna-se evidente um primeiro traço que percorre as seções abordadas do livro (Singer, 2015b; Singer, 2015c; Singer, 2015g; Singer, 2015h): um certo rigor na análise que precede as ações, em prol do melhor desfecho possível. Sintetizando o contexto que informa sobre as aspirações daqueles que anseiam por uma “vida ética” (convergindo para esse objetivo), Singer (2015f, p.VII) sugere que:

Obedecer às regras usuais sobre não roubar, trapacear, machucar e matar não é o suficiente, ou, pelo menos, não é o suficiente para aqueles de nós que têm a grande sorte de viver com conforto material, que podem alimentar, abrigar e vestir a si e às suas famílias e ainda ter dinheiro ou tempo de sobra. Viver uma vida ética minimamente aceitável envolve usar uma parte substancial de nossos recursos extras para tornar o mundo um lugar melhor. Viver uma vida totalmente ética envolve fazer o maior bem que pudermos.

O uso desses recursos é uma das apostas desse movimento para promover um mundo melhor. Isso adquire certa notoriedade com a ênfase de Singer (2015f, p.VII-X) nas doações, pois cada ação moralmente orientada pode envolver, em algum grau, recursos que necessitam ser avaliados para gerar o melhor desfecho. Por outro lado, Singer (2015h, p.08) reconhece que “[...] altruístas eficazes são pessoas reais, não santos, e não buscam maximizar o bem em cada coisa que fazem, 24 horas por dia, 7 dias por semana”. Essa ênfase na eficácia das doações está presente, por exemplo, na afirmação de que o movimento visa mudar o cenário relacionado ao baixo índice de transparência de instituições de caridade e de justificativas suficientemente boas (racionais) para o ato de doar “[...] fornecendo incentivos para que as instituições de caridade demonstrem sua eficácia” (Singer, 2015f, p.VIII). Esse quadro duplo – institucional e justificativo – é contrário ao que o movimento preconiza, já que, como sugere Singer (2015h, p.07), altruístas eficazes “[...] doam para a causa que fará o maior bem, dadas as habilidades, o tempo e o dinheiro que eles têm disponíveis”. Logo, há uma conexão entre capacidades e consequências, influenciada pelo tipo de ação enfatizado pelo movimento.

Não obstante, ela gera uma tensão teórica, tendo em vista que

Fazer o maior bem é uma ideia vaga que levanta muitas questões. [...] O que conta como “o maior bem”? Altruístas eficazes não darão todos a mesma resposta [...], mas eles compartilham alguns valores. Todos concordariam que um mundo com menos sofrimento e mais felicidade é, tudo o mais sendo igual, melhor do que um com mais sofrimento e menos felicidade (Singer, 2015h, p.07).

Portanto, apesar da diversidade apontada, fica evidente que há um componente utilitário consensual entre os participantes: promover a felicidade e minimizar o sofrimento. Isso é importante e representativo das motivações do movimento, já que seria difícil sustentar que um mundo adequadamente modificado por estes dois propósitos não seria um mundo melhor.

O seguinte trecho reitera a preocupação com o sofrimento (inclusive, dos animais):

O sofrimento de todos conta igualmente? Altruístas eficazes não desconsideram o sofrimento porque ele ocorre longe [...] ou aflige pessoas de uma raça, ou religião diferente. Eles concordam que o sofrimento dos animais também conta e geralmente concordam que não deveríamos dar menos consideração ao sofrimento só porque a vítima não é um membro da nossa espécie. Eles podem divergir, no entanto, sobre como pesar o tipo de sofrimento que os animais podem experimentar em relação ao tipo de sofrimento que os humanos podem experimentar (Singer, 2015h, p.07).

Logo, é possível que seus membros possuam (ou, pelo menos, valorizem) o distanciamento necessário para os juízos morais. No entanto, se não há consenso sobre como avaliar e comparar ambos os sofrimentos, humanos e não-humanos, para evitar produzir desfechos indesejáveis associados a essa dissonância, poderíamos apontar para a necessidade de estabelecer procedimentos para compreendê-la (embora, *per si*, essa comparação seria insuficiente, pois há diferenças significativas entre espécies, mas também entre membros de uma mesma espécie).

Além disso, ao responder à pergunta “E quanto a outros valores, como justiça, liberdade, igualdade e conhecimento?”, Singer (2015h, p.08-09) responde que:

A maioria dos altruístas eficazes pensa que outros valores são bons porque são essenciais para a construção de comunidades nas quais as pessoas podem viver vidas melhores, livres de opressão, e ter maior respeito próprio e liberdade para fazer o que querem, bem como experimentar menos sofrimento e morte prematura. Sem dúvida, alguns altruístas eficazes sustentam que esses valores também são bons por si, independentemente dessas consequências, mas outros não.

Isso reforça a ideia de que o movimento é, em certa medida, pluralista. Com base na última frase do autor, é possível inferir que o movimento carrega consigo parte da herança filosófica relativa à disputa entre consequencialistas e principialistas. Os primeiros defenderam que, em casos específicos, certos valores deveriam ser ignorados quando não trouxessem as melhores consequências; e, os últimos, o contrário: defenderam a primazia dos valores morais sobre as consequências das ações. Singer, mesmo, teve um posicionamento do tipo consequencialista, afirmado por ele em *Ética prática*. Por exemplo, diferentemente de Kant

(1997, p.188-189), que defendia que nunca deveríamos faltar com a verdade, Singer (2011, p.259) sugeriu que, em certas circunstâncias, determinados fins podem justificar determinados meios, como mentir<sup>5</sup>.

No entanto, independentemente da posição que adotamos, poderíamos concordar que essa pluralidade poderia suscitar, em algum momento, análises capazes de enfatizar as conexões entre princípios e fins, sem que, necessariamente, nos apeguemos às incompatibilidades entre abordagens consequencialistas e principialistas. Isso ocorre porque admitir que o abandono de princípios com vistas a um ou mais fins mandatórios pode ser uma necessidade, ou que sustentar que os valores devem ser mantidos independentemente das consequências (já que, por exemplo, as consequências das ações podem ser incertas), não são posturas que necessitam ser mantidas independentemente das circunstâncias.

Porém, essa discussão, suscitada a partir da resposta anterior do filósofo, desemboca no seguinte:

*E se a ação de alguém reduz o sofrimento, mas, para isso, é preciso mentir ou prejudicar uma pessoa inocente? Em geral, altruístas eficazes reconhecem que quebrar regras morais contra matar ou prejudicar seriamente uma pessoa inocente quase sempre terá consequências piores do que seguir essas regras. Mesmo utilitaristas completos, que julgam ações como certas ou erradas inteiramente com base em suas consequências, são cautelosos com o raciocínio especulativo que sugere que devemos violar direitos humanos básicos hoje em prol de algum bem futuro distante (Singer, 2015h, p.09-10, grifo do autor).*

Isso indica que um consequencialismo “ingênuo” poderia ser pernicioso. A leitura cuidadosa deste parágrafo sugere que as regras morais podem ser benéficas para contribuir para o melhor desfecho, ainda que possa haver exceções. Assim, qualquer tipo de crueldade é contrário à finalidade do movimento: o melhor que podemos fazer, segundo esta perspectiva, pode implicar em evitar atos de violência e acidentes com gravidade considerável, já que são contrários a ela.

Com isso, as perguntas “Quantos altruístas eficazes poderiam existir? Todos podem praticar o altruísmo eficaz?” (Singer, 2015h, p.09) suscitam esclarecimentos. Especialmente porque, em sua pluralidade, o movimento não requer a adesão prévia a qualquer posicionamento particular – o que valeria mesmo que admitíssemos que uma abordagem consequencialista

<sup>5</sup> Sendo mais específico, quanto à sua visão sobre o consequencialismo, Singer (2011, p.02-03) sugere que “Os consequencialistas não começam com regras morais, mas com objetivos. Eles avaliam ações pela extensão em que elas promovem esses objetivos. A mais conhecida [...] teoria consequencialista é o utilitarismo. O utilitarismo clássico considera uma ação como certa se ela produz mais felicidade para todos os afetados por ela do que qualquer ação alternativa, e errada se não o fizer”.

(como o utilitarismo de Singer) poderia estar mais conectada com o propósito do movimento. E, embora a ênfase nas doações pudesse suscitar a crença de que o movimento seria elitista (por demandar recursos de seus partícipes), conhecer os argumentos conectados a ele pode ser um incentivo para que ações futuras sejam implementadas.

Assim, o filósofo responde àquela pergunta afirmando que:

É possível para todos que têm algum tempo livre ou dinheiro praticar o altruísmo eficaz. Infelizmente, a maioria das pessoas — mesmo [...] consultores profissionais de filantropia — não acreditam em pensar muito sobre a escolha de causas a serem apoiadas. Então, não é provável que todos se tornem altruístas eficazes tão cedo (Singer, 2015h, p.09).

Isso evidencia que, para escolher melhor uma ação e o modo como pretendemos contribuir para uma causa, quando possível, é necessário pensar suficientemente. Esse exercício deliberativo pode demandar o acesso a dados em afinidade com o propósito em questão, bem como a promoção de estudos qualificados, da divulgação de resultados e de incentivos para os membros das comunidades de pesquisa. Por outro lado, a ideia de “doação” aponta para um mundo altamente complexo, tendo em vista que, como afirma o filósofo, a doação com os melhores resultados pode ser para uma localidade distante (Singer, 2015h, p.06-07), o que pode não trazer consequências significativas para si ou para a própria comunidade. Então, pode ser necessária uma pré-disposição desinteressada para fazê-la ou implementá-la mediante uma organização, independentemente das expectativas associadas. No entanto, como definir a melhor causa?

## 2.1. Comparando causas

No capítulo “*Are Some Causes Objectively Better than Others?*”, Singer (2015b, p.117) sugere: “‘Qual é o problema mais urgente?’ não é a pergunta certa a fazer porque um potencial doador deveria estar perguntando: ‘Onde posso fazer o maior bem?’”. Ambas as coisas podem ser bastante diferentes, tornando a proposição compreensível. Além disso, destaca-se, nas contribuições de Singer (2015b, p.117-127), a relação entre o que é feito para mudar um cenário e as capacidades do(s) interessado(s) em promovê-lo. Segundo o autor, quanto mais um cenário já é alvo de intervenções frequentes por pessoas qualificadas, menor tende a ser a efetividade marginal de novas ações, o que torna a escolha por causas negligenciadas potencialmente determinante para a obtenção de melhores consequências.

Assim, entre um conjunto de situações ruins, aquela na qual podemos gerar um melhor impacto pode não ser a pior delas. Como propõe Singer (2015b, p.117-118), “[...] compare a mudança climática e a malária. [...] distribuir mosquiteiros para proteger as crianças da malária é, [...] de uma perspectiva global, menos urgente, mas os indivíduos podem mais facilmente fazer a diferença para o número de mosquiteiros distribuídos”. E, embora não optar por aquilo que é mais urgente possa (mesmo nesse caso) parecer pouco prudente para alguém que desconhece o assunto, essa pode ser uma estratégia promissora, já que pode trazer o melhor resultado. Destarte, essa aparência pode ser minimizada, pois “[...] deveríamos estar perguntando [...] Onde posso ter o maior impacto positivo? Isso significa não somente o maior impacto agora ou neste mês, ou neste ano, mas ao longo do período mais longo para o qual é possível prever as consequências das minhas ações” (Singer, 2015b, p.118).

Nesse sentido, pode ser um problema nossa dificuldade de prever as consequências de uma ação. Então, apesar desse desafio, optar por aquilo que é mais seguro (especialmente quando temos que fazer escolhas rápidas, de grande importância e envolvendo riscos consideráveis) poderá ser a melhor escolha, a ser tomada com base em informações relevantes, dentro do possível. E, tendo em vista que a eficácia e a constância nas ações altruístas podem ser determinadas pela capacidade de mensurar tais consequências, para manter-nos ativos neste empreendimento é importante o desenvolvimento da capacidade de avaliá-las. Em alguns casos, isso pode vir somente com o ganho de experiência adquirido pela prática e pelo estudo, que podem ser favorecidos pelo contato com as ideias destacadas pelo movimento em questão.

Assim, fica claro que, para a mensuração da eficácia, quando possível, é mandatória a análise da relação entre os recursos empregados e a probabilidade da maximização dos benefícios (incluindo a minimização de danos). Nisto, podem surgir conflitos: por mais que uma ação traga muitos benefícios, estes podem não ser suficientes para superar os seus danos indesejados. Então, pode parecer que a minimização de danos está mais intimamente conectada com a moralidade; especialmente, com relação a ações capazes de superar outras de menor impacto com investimentos equivalentes. Singer (2015b, p.118-120) traz um exemplo disso ao comparar dois tipos de ação com os mesmos recursos: aprimorar as visitas a um museu e evitar a perda de visão de pessoas; e aponta para a possibilidade de que o último represente um bem inestimavelmente superior ao primeiro<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Também, ao trazer a visão de Scanlon (1998 *apud* Singer, 2015b, p.120), que sugere que em uma situação em que “[...] um técnico sofre um acidente na sala de transmissão de uma estação de televisão durante a transmissão de uma partida de futebol [...] [e] sente uma dor intensa, que não pode ser interrompida sem suspender a transmissão [...] não importa quantos fãs estejam curtindo o jogo [...] não devemos tentar somar seus prazeres e ver se eles superam a dor do técnico. Quando nos deparamos com as necessidades daqueles que estão, nas palavras



Por outro lado, poderíamos nos perguntar o seguinte: se outras ações capazes de gerar contentamento se mostrarem preferíveis a danos pouco consideráveis, com o mesmo investimento, por que deixariam de ser consideradas ações moralmente preferíveis? Se temos capacidade de tomar uma atitude capaz de beneficiar alguém (ainda que ela não reduza nenhum tipo de sofrimento), e, na melhor análise que dispormos, ela se mostrar louvável, contribuindo para um mundo melhor de forma acessível, não deveríamos considerá-la? Se sim, reduzir um sofrimento pouco significativo pode ser indesejável se o conjunto do(s) benefício(s) que uma ação com esforço equivalente deve provocar é superior. Isso ocorre mesmo quando, em razão de sua estrutura formal, essa proposição contraria crenças morais amplamente difundidas.

Coadunando com isso, na escolha da causa a que se pretende doar,

[...] se o preço de tentar persuadir as pessoas a doar para a causa que realiza o maior bem é que elas doem menos, pode valer a pena pagá-lo. [...] algumas instituições de caridade fazem centenas, até milhares, de vezes mais bem por dólar do que outras. [...] mesmo se os doadores doam muito menos quando os consultores tentam persuadi-los a não seguir suas inclinações iniciais sobre onde devem doar, o resultado ainda pode ser melhor. [...] Além disso, em alguns casos, deixar as pessoas perseguirem suas convicções pessoais faz mal em vez de bem (Singer, 2015b, p.125-126).

Este é um argumento que Singer se dedica bastante a pavimentar nesta altura do livro. A última proposição do filósofo, que pode suscitar eventuais dúvidas, pode ser justificada por casos em que acreditamos que escolhemos bem, mas nos equivocamos, como quando dificultamos a alocação de recursos para causas que deveriam ser promovidas.

Por fim, no mesmo capítulo, o autor retoma sua pergunta inicial, sugerindo:

[...] [Perguntar] se é sábio impelir as pessoas a doar para a causa que é objetivamente melhor é uma questão distinta daquela de saber se algumas causas são objetivamente melhores do que outras [...] A resposta à primeira pergunta depende das consequências de tal pressão. Ao pesar essas consequências, devemos considerar que a única convicção forte que alguns doadores terão é que querem fazer o maior bem que podem com os recursos disponíveis que têm. Devemos encorajar essa atitude de doação. Dizer às pessoas que não há “obviamente nenhuma resposta objetiva” para tal pergunta só pode diminuir seu entusiasmo em prosseguir com essa busca louvável (Singer, 2015b, p.126-127).

---

de Scanlon, ‘severamente sobrecarregados’, a soma dos prazeres menores de muitos não tem ‘peso justificativo.’” Isso significa que qualquer visão utilitarista ingênua, que coloque a felicidade da maioria como bem moralmente superior ao alívio das dores de minorias (especialmente quando significativas e sem justificavas razoáveis para a sua manutenção) estaria, do ponto de vista argumentativo, fracassada. No entanto, de acordo com Singer (2015b, p.120), “[...] muitos altruístas eficazes ficarão desconfortáveis com a ideia de estabelecer um limite para fardos severos contra os quais um grande número de danos menores simplesmente não importa”.



Com isso, embora possa não ser claro se existem causas objetivamente melhores que outras, fica mais evidente que, para o autor, a crença de que isso seja o caso pode funcionar como motivação para a realização do maior bem, o que evidencia o caráter consequencialista de seu posicionamento. No entanto, não parece razoável encorajar essa ideia, tendo em vista que pode gerar decepções e impedir que se chegue às motivações apropriadas ao engajamento com o movimento, além de excessos relacionados à busca pela perfeição, que podem impedir o melhor desfecho. Se isso se torna uma obsessão, podemos esquecer que o mundo ideal que buscamos não nos exclui, e tampouco o nosso entorno. Isso é importante, principalmente se o contexto em que vivemos é suficientemente degradado para que, caso o percamos de vista, isso represente uma impossibilidade futura de realizar aquilo que o Altruísmo Eficaz propõe.

Dando continuidade à análise no capítulo seguinte, “*Difficult Comparisons*”, Singer (2015c, p.129) complementa sua proposição anterior, sugerindo que “[...] há respostas objetivas para a pergunta, 'Qual é a melhor causa?' Isso não significa que é sempre possível determinar qual é essa resposta”. Destarte, haveria uma importante relação entre a capacidade de apreensão da “verdade” e a ação. Ser possível responder essa pergunta não significa dizer que ela poderá ser respondida por qualquer um, a todo instante. Como coloca Berman (2014 *apud* Singer, 2015c, p.129), ao comparar algumas possibilidades de ação, quanto às possibilidades de responder qual a melhor,

Não há respostas precisas [...], e uma avaliação de impacto sólida não as criará. Ela só nos permitirá comparar programas que abordam objetivos semelhantes entre si. Ela não nos dirá qual destino vale mais a pena mudar. Por mais difícil que seja, cada um de nós deve responder a essa pergunta por si.

Isso pode significar uma dificuldade intransponível de comparar certas causas, que pode persistir; mas, também, que há trabalho a ser feito, ainda que as respostas sejam insuficientes, inconclusivas e parciais. Essa sugestão, suscitada a partir do texto, é corroborada por Singer (2015c, p.129): “Em alguns desses casos, existem métodos para fazer tais comparações, embora levantem questões filosóficas profundas e, portanto, permaneçam controversos. Para comparar outras causas, realmente não temos tais métodos”. Nesse sentido, poderíamos propor que há casos em que julgamentos subjetivos podem ser necessários, ainda que provisoriamente, como etapas necessárias para estabelecer julgamentos “objetivos” (comprovados e de amplo

consenso), e que haja dificuldades para chegar à “melhor conclusão”<sup>7</sup>. Sendo assim, é importante ressaltar que os valores – que variam entre pessoas – determinam os julgamentos que fazem<sup>8</sup>. Logo, deveríamos propor soluções para os desacordos sobre esses valores. Por exemplo, enfatizando as consequências ou propondo a incorporação de elementos de visões éticas distintas, se for o melhor que podemos fazer.

Porém, ainda assim, devemos concordar com Singer (2015c, p.136) quando afirma que “[...] se pudéssemos conhecer todos os fatos relevantes, teríamos uma base objetiva para julgar que um tipo de caridade provavelmente faria mais do que outra, pelo mesmo custo, para atingir esse objetivo” [referência a “melhorar o bem-estar dos pobres”, mas que poderia estender-se, também, para os animais]. Isso significa que, apesar de suas limitações, nossos esforços são, todavia, necessários. Portanto, adentraremos na seção que trata dos animais – que pode contribuir para esclarecer essa questão.

### 3. O Altruísmo Eficaz e os animais

A análise de Singer (2015g, p.137-147), no próximo capítulo, enfatiza o sofrimento associado à exploração animal, apontando para o grande número de indivíduos criados para alimentação nos EUA e para o relativamente pequeno contingente de organizações em prol dos animais de criação; além das mortes provocadas por maus-tratos a eles antes do abate, que, segundo Ball e Friedrich (2009 *apud* Singer, 2015g, p.138), superam em quantidade as dos mantidos em abrigos, dentre outros. Apesar disso, no contexto da consideração moral, a discussão desenvolvida por Singer abarca o conjunto dos seres sencientes<sup>9</sup>. Nesse sentido, como afirma Animal Charity Evaluators (*[sine data]* *apud* Singer, 2015g, p.139), em comparação com o alto custo dos cuidados necessários para reduzir o sofrimento e a morte de gatos e cães, “[...] a maneira mais eficaz de ajudar os animais e evitar a maior quantidade de sofrimento (*suffering*) é ser um defensor dos animais de criação [os ‘animais de fazenda’]”. Essa é uma

<sup>7</sup> O que nos leva a crer que, na verdade, a melhor significa a melhor dentre as possíveis. Confira: (no contexto de uma pesquisa sobre saúde enfatizando a experiência subjetiva dos participantes) “por um lado, há muitas pesquisas psicológicas lançando dúvidas sobre a confiabilidade dos julgamentos de pessoas com boa saúde sobre como seria sofrer de condições adversas de saúde. Por outro lado, pessoas que se ajustaram a tal condição podem ter esquecido o quanto era melhor estar com boa saúde. Mesmo pessoas que recentemente tiveram uma experiência dolorosa e são questionadas sobre o quão ruim ela foi parecem estar sujeitas a ilusões” (Singer, 2015c, p.132).

<sup>8</sup> Confira: “[...] qualquer desacordo sobre estas questões fundamentais de valor levará ao desacordo sobre a relação de custo-eficácia das diferentes intervenções de cuidados de saúde [...]” (Singer, 2015c, p.133).

<sup>9</sup> Neste trabalho, Singer (2015g, p.137-147) não especifica uma definição para o termo “senciência” (que é a propriedade atribuída aos “seres sencientes”); porém, em *Ética prática*, o utiliza como “[...] abreviação para a capacidade de sofrer ou experimentar prazer ou felicidade [...]” (Singer, 2011, p.50). No original: “[...] shorthand for the capacity to suffer or experience enjoyment or happiness [...]”.

tese abordada ao longo do capítulo, correspondendo a uma visão sobre o tema compatível com o propósito do movimento, e que, segundo o filósofo, poderia ser realizada por meio da promoção da redução ou do fim do consumo de produtos que provêm deles (Singer, 2015g, p.139).

Tendo isso em vista, para compreendermos a visão do autor, pode inicialmente ser necessário reconhecer a possibilidade de que a perspectiva de que alguns animais são mais importantes moralmente do que outros seja um fracasso. Assim, destacamos a afirmação de Singer (2015g, p.139), que reitera parte do conselho de Wiblin (*[sine data]* apud Singer, 2015g, p.139): “Concentre-se nas causas que a maioria das pessoas não se importa”, o que faz sentido, principalmente, se considerarmos que causas para as quais muito é feito podem ofuscar e tornar os resultados de alguém difíceis ou imprevisíveis. Nesse sentido, Singer (2015g, p.139) sugere, para aquelas causas, que “é aqui que os altruístas encontrarão ‘a fruta ao alcance da mão’” – ou seja, as oportunidades de intervenção mais facilmente exploráveis. Quanto ao restante do conselho, “mire em grupos com os quais você se importa [...], e tire proveito de estratégias que outras pessoas têm preconceito contra o uso” (Wiblin, *[sine data]* apud Singer, 2015d, p.115), a primeira parte pode ser determinante para persistirmos. Já a última, para o sucesso de nossas ações, necessitando avaliações caso a caso. Assim, reiteramos que, para segui-lo, pode ser preciso adquirir conhecimentos suficientes para prever minimamente (ou satisfatoriamente) os resultados de estratégias. De todo o modo, a impossibilidade de alcançá-los não deveria ser um impeditivo para fazer o melhor que podemos, tendo em vista que isso depende de nossas condições reais.

Por outro lado, Singer (2015g, p.139) sugere que, na tentativa de responder à questão:

Como podemos comparar o bem alcançado ao ajudar animais com o bem alcançado por outras caridades? [...], duas questões separadas são frequentemente confundidas. Uma é uma questão factual: Os animais sofrem tanto quanto os humanos? A outra é ética: Considerando que um animal está sofrendo tanto quanto um humano, o sofrimento do animal importa tanto quanto o sofrimento do humano?

Estas são duas perguntas de primeira ordem para a ética animal, já que a perspectiva predominante com relação aos animais ainda é especista. Como afirma Singer (2015g, p.139) para justificar seu ponto, elucidando o significado do termo “especismo” (*speciesism*):

A resposta à questão ética deveria ser sim. [...] dar menos consideração aos interesses dos animais não-humanos, simplesmente porque eles não são membros da nossa espécie, é especismo e é errado, da mesma forma que as formas mais cruéis de racismo e sexismo são erradas. O especismo é uma forma de discriminação contra os interesses

daqueles que não são “nós”, onde a linha entre nós e os de fora é traçada com base em algo que não é, em si, moralmente relevante.

Essa afirmação é significativa, pois está conectada ao posicionamento amplamente divulgado de Singer (2015a, p.34-35) sobre os animais não-humanos. Esse, por sua vez, é em nome da igual consideração moral com relação aos humanos. Isso significa que, para qualquer animal senciente, os critérios a serem adotados deveriam ser igualmente aplicados, evitando privilegiar qualquer grupo com base (meramente) no pertencimento a uma espécie. Consequentemente, impedindo alguns vieses capazes de interferir na imparcialidade necessária à deliberação moral. Nesse sentido, a resposta que damos a ambas as perguntas levantadas pelo filósofo pode ser determinante no tratamento que damos aos demais animais. Portanto, apesar de não serem os únicos fatores a serem considerados, as avaliações sobre o tratamento conferido a eles, e sobre as capacidades humanas atreladas, são decisivas para a crença de que são moralmente adequados ou não e para o sucesso de nossa resposta. De modo semelhante a como consideramos ser importante garantir a pessoas com limitações físicas ou mentais de nossas comunidades (incluindo bebês e pessoas idosas) tratamentos apropriados às suas necessidades.

Por outro lado, o filósofo sugere que

A rejeição do especismo não é, no entanto, o fim do debate sobre o peso moral que devemos dar ao sofrimento animal. Os defensores da forma como tratamos os animais geralmente apontam que os humanos são mais racionais, autônomos, autoconscientes ou capazes de retribuir do que os animais não-humanos<sup>[10]</sup>. Argumentar com base nesses argumentos não é defender o especismo, mas a visão distinta de que devemos dar mais peso aos interesses dos seres que são racionais, autônomos, autoconscientes ou capazes de reciprocidade (Singer, 2015g, p.140).

A razão pela qual, como o autor afirma, aquele não seria um caso de defesa apropriada do especismo vem a seguir – para além do fato de que a justificativa para a “subalternização”, neste caso, não é o não pertencimento à nossa espécie. Segundo ele, se a capacidade mental de alguns animais pode ser superior à de alguns humanos, como na comparação entre chimpanzés e humanos extremamente incapazes intelectualmente,

[...] então argumentos baseados no valor especial de seres com capacidades cognitivas mais elevadas não justificarão dar mais peso ao humano, e prejudicamos os animais sempre que damos menos peso aos seus interesses do que daríamos, nas mesmas

<sup>10</sup> Essa afirmação poderia ter maior validade se pudéssemos prever que a redução de sofrimento de seres humanos favoreceria atitudes similares diante dos animais, pois parte dos humanos (dentre eles, seres dotados de uma racionalidade por vezes superior e sem impedimentos físicos significativos) parece exibir uma capacidade avantajada de reduzir o sofrimento dos demais.

circunstâncias, a um humano com capacidades semelhantes (Singer, 2015g, p.140)[<sup>11</sup>].

Isso explica por que um raciocínio que valoriza essas capacidades mentais é, nesse contexto, equivocado, já que, ainda que fosse readequado, o argumento utilizado seria contrário àquilo que pretende defender. Como afirma o autor, se a crença de que

[...] o sofrimento humano é sempre incomparavelmente mais importante do que o sofrimento dos animais [...], [ela] não deve ser simplesmente uma declaração de propensão em relação à nossa própria espécie, [...] [mas sim] ser baseada nas diferenças entre as vidas mentais dos humanos e dos animais (Singer, 2015g, p.140-141).

Ou seja, é a posse de certas características que permitiria considerar alguns grupos mais importantes do que outros; não o pertencimento a uma espécie. Apesar disso, Singer (2015g, p.137-147) não explica por que características mentais seriam relevantes nesse processo.

Um dos vieses que privilegiam os humanos, levantado por Singer (2015g, p.141), se encontra na seguinte proposição: “Se o sofrimento humano fosse incomparavelmente mais importante que o sofrimento animal, então qualquer quantidade de sofrimento humano, não importa quão pequena, justificaria ignorar qualquer quantidade de sofrimento animal, não importa quão grande”. Não é necessário refletir muito para concluir que a hipótese levantada na premissa da proposição seria um grande equívoco. Pois parece claro que, diante de sofrimentos insignificantes e sofrimentos consideráveis, deveríamos priorizar aliviar os últimos, em quantidade considerável, independentemente das espécies dos sujeitos envolvidos.

No entanto, o autor extrapola aquilo que alguns leitores desavisados poderiam, à primeira vista, prever como refutação do especismo ao afirmar que

Dizer que estamos justificados em comparar os sofrimentos dos humanos com os dos animais não-humanos, e que prejudicamos os animais se dermos menos peso aos seus sofrimentos do que damos aos sofrimentos semelhantes dos humanos, não é negar que há capacidades possuídas por humanos normais além da infância que fazem a diferença para como devemos avaliar interesses. Entre essas capacidades pode estar, por exemplo, a capacidade de compreender que se existe ao longo do tempo e de formar desejos acerca do próprio futuro (*desires about one's future*), pois, sem dúvida, isso confere ao indivíduo um tipo distinto de interesse em continuar vivendo, que muitos animais não-humanos, desprovidos da capacidade de formar tais desejos não possuem (Singer, 2015g, p.141).

<sup>11</sup> Como afirma Singer (2015a, p.53-54), “[...] nós precisamos [...] de uma posição intermediária que evite o especismo, mas que não banalize as vidas das pessoas com deficiência intelectual e senis [...]. O que devemos fazer é trazer os animais não-humanos para a nossa esfera de preocupação moral e deixar de tratar suas vidas como descartáveis [...] uma rejeição do especismo não implica que todas as vidas têm igual valor”.

Esse último posicionamento<sup>[12]</sup> pode ser compreendido a partir da seguinte sugestão: “[...] desde que escrevi isso, tornei-me mais simpático ao hedonismo do que ao utilitarismo de preferências (*preference utilitarianism*)” (Singer, 2015e, p.198), tendo em vista que este último termo é aplicável às características do posicionamento expresso com aquela proposição. Aquele refere-se a um gênero de utilitarismo que enfatiza as preferências dos envolvidos em uma ação e nas suas consequências para determinar a ação a ser escolhida<sup>[13]</sup>, em contraste com o critério hedonista, que enfatiza o prazer ou o bem-estar dos envolvidos.

Por outro lado, o filósofo dá sequência ao parágrafo anterior do texto, afirmando que

Também podemos reconhecer que diferentes níveis de consciência (*awareness*) podem fazer a diferença para quanto seres provavelmente sofrerão ou aproveitarão suas vidas em circunstâncias variadas. Isso dificulta comparar o bem feito pela redução do sofrimento dos animais com aquele feito, por exemplo, prevenindo a cegueira em pessoas com tracoma (Singer, 2015g, p.141-142).

Assim, apesar da sugestão anterior, que pendia para o utilitarismo de preferências, aqui se destaca a preocupação com o prazer e o sofrimento dos entes, corroborando a ideia de que “embora a qualquer ser senciente, inteligente ou não, deva ser dada igual consideração (*equal consideration*), animais com capacidades diferentes têm requisitos diferentes” (Singer, 2015a, p.186). A dificuldade suscitada a partir disso nos convida a buscar compreender a conexão entre níveis de consciência e de sofrimento e a diversidade de seres imbricados, que sentem diferentemente, além de critérios e procedimentos adequados para a sua comparação, a qual requer compreender a variação entre esses componentes<sup>[14]</sup>.

Porém, uma ideia que pode contribuir em grande medida para solucionar o problema que está em questão é que

[...] alguns altruístas eficazes [...] acreditam que, mesmo que pensemos que os animais de criação [...] têm menos capacidade de sofrer do que os seres humanos, os enormes números envolvidos e o custo relativamente baixo de fazer a diferença nesses números, encorajando as pessoas a reduzir ou eliminar o consumo de produtos de

<sup>12</sup> Que, de acordo com Singer (2015e, p.198), é o mesmo da terceira edição inglesa de *Ética prática*. Conforme: “*Practical Ethics*, 3d ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 2011), chaps. 4, 5”.

<sup>13</sup> Confira: “O Utilitarismo de Preferências é, afinal, uma forma de utilitarismo maximizador: requer que a satisfação geral das preferências de diferentes pessoas seja maximizada [...]” (Singer, 2011, p.113).

<sup>14</sup> O estabelecimento desses critérios poderia ser um trabalho interdisciplinar, tendo em vista (por exemplo) que a biologia, a matemática, e a psicologia animal são áreas do saber importantes para mensurar dores e prazeres de diferentes seres sencientes, podendo estar abertas a diferentes contribuições das ciências da saúde e da filosofia experimental. No entanto, a interpretação e significação destes dois estados (dor e prazer), atividades que requerem um esforço conceitual, podem ser uma tarefa tipicamente apropriada à filosofia (tendo em vista, inclusive, os problemas e as contribuições do utilitarismo para a filosofia moral).

origem animal, torna essa a forma mais econômica de reduzir o sofrimento (Singer, 2015g, p.142)[<sup>15</sup>].

Essa crença é sustentada pela avaliação da Animal Charity Evaluators (ACE) (*[sine data]* *apud* Singer, 2015g, p.142) dos resultados da distribuição de

[...] folhetos e [...] publicidade *online* [...] através de acompanhamentos que procuram estimar o número de pessoas que mudam a sua dieta como resultado da publicidade [...] [com] uma tentativa cuidadosa de estabelecer o custo de evitar um ano de sofrimento animal através destas técnicas (Singer, 2015g, p.142, grifo nosso)[<sup>16</sup>].

Logo, é possível acreditar que atitudes adequadas geram resultados potentes, convencendo alguns daqueles menos pré-dispostos a rever suas crenças e hábitos prejudiciais aos demais.

#### 4. Considerações finais

Como vimos, há múltiplas contribuições que permitem manter a crença de que o Altruísmo Eficaz contribui (e pode continuar contribuindo) para o bem-estar animal. E, embora a nossa análise negligencie, em parte, a totalidade daquilo que está sendo feito pelos seus partícipes em prol dos animais, ela permite compreender o modo como as ideias e argumentos que o guiam podem servir de inspiração para ações moralmente engajadas. Assim, da dificuldade no estabelecimento de prioridades à compreensão dos motivos para ações em prol dos animais conectadas ao movimento (com destaque para a eficácia), foi necessário aguçar a percepção de motivações que permitem estender nossa consideração moral aos animais não-humanos.

Embora, como vimos, Singer afirme que essa atitude com relação a eles é consensual entre os altruístas eficazes, para aqueles mais resistentes a concordar com ela é necessário um esforço argumentativo capaz de fazer jus às dificuldades enfrentadas pelos animais. Nesse

<sup>15</sup> Nesse sentido, “[...] mesmo que seu objetivo fosse apenas desacelerar a mudança climática reduzindo as emissões de gases de efeito estufa, você poderia fazer isso de forma mais eficaz doando para organizações que estão incentivando pessoas a se tornarem vegetarianas ou veganas do que doando para organizações líderes em compensação de carbono” (West, 2012 *apud* Singer, 2015g, p.144), conciliando interesses humanos e não-humanos.

<sup>16</sup> Singer (2015g, p.143-144, grifo nosso) afirma que “para panfletagem, o pior cenário da ACE produz um custo de \$12,52 por ano de sofrimento evitado; e para anúncios online, é de \$4,52. O melhor cenário para ambos é menos de \$0,06.<sup>11</sup> Mesmo se assumirmos que o pior cenário é certo, essas são maneiras muito baratas de reduzir o sofrimento. [...] na estimativa que a ACE acredita ser mais confiável, poderíamos construir suposições de que animais de criação são, por exemplo, capazes de apenas um décimo do sofrimento dos humanos, e panfletagem e anúncios *online* sobre criação industrial ainda teriam um valor excelente em comparação com a maioria das instituições de caridade mais eficazes ajudando humanos”.



sentido, poderíamos destacar a hipótese de que os animais selvagens estão entre aqueles mais negligenciados<sup>17</sup>. E ainda que fosse de nossa pretensão defender uma maior relevância de alguns humanos com relação aos animais, baseada na capacidade moral, há bases fornecidas pelo movimento que permitem enfatizá-la, já que, como vimos, há um destaque por parte do Altruísmo Eficaz para a possibilidade de fazermos o melhor que podemos; que, por sua vez, requer capacidades humanas (incluindo econômicas, sociais e intelectivas).

Destarte, qualquer análise minimamente apropriada sobre o assunto, que busque refutar o que foi proposto, precisa considerar horizontes de longo prazo e o bem-estar das próximas gerações. Isso significa que, se os demais animais forem desconsiderados, o meio ambiente não poderá sê-lo. Embora, por vezes, considerá-lo possa beneficiar tanto animais humanos como não-humanos, essa posição implica consequências catastróficas, conforme aponta Singer: “Uma vez que colocamos os animais não-humanos fora da nossa esfera de consideração moral e os tratamos como coisas que utilizamos para satisfazer os nossos próprios desejos, o resultado torna-se previsível” (Singer, 2015a, p.156).

Como exemplo dessas consequências podemos destacar o grande aumento de poluição relacionada à exploração animal (EcoDebate, 2021, não paginado) e o risco, potencialmente mais destrutivo que a COVID-19, do surgimento de doenças altamente infecciosas, gerado pela utilização massiva de antibióticos na criação de animais para consumo (Paim, 2020, não paginado). Esses elementos sugerem que a instrumentalização dos animais não-humanos, ao reduzi-los a meios para a satisfação de interesses humanos, produz efeitos que extrapolam o âmbito estrito da ética animal, repercutindo sobre o meio ambiente e sobre condições básicas de saúde e subsistência humanas. Singer (2015a, p.27), nesse sentido, é otimista, sugerindo, por exemplo, que enquanto escreve:

[...] pessoas estão morrendo de fome em muitas partes do mundo, e muitas outras estão em perigo iminente de morrer de fome. [...] mas [...] a forte ênfase na criação de animais para alimentação, nos países ricos, leva ao desperdício de várias vezes a quantidade de comida que ela produz [referência ao uso de ração animal para esse tipo de criação]. Ao deixarmos de criar e matar animais para alimentação, nós podemos tornar disponível tanta comida para humanos que, se distribuída adequadamente, ela eliminaria a fome e a desnutrição deste planeta.

Embora essa proposição possa suscitar esclarecimentos adicionais e demande cautela quanto às suas condições de realização, ela é coerente com o núcleo do Altruísmo Eficaz,

<sup>17</sup> Conforme: Cunha, 2024b, não paginado; ÉTICA ANIMAL, [sine data], não paginado. E se incorporarmos a ideia de que é possível beneficiar animais selvagens com facilidade, como sugerem Horta e Teran (2023, p.217), podemos expandir ainda mais nosso círculo moral, contribuindo para o propósito altruísta de gerar o maior bem que pudermos.

evidenciando que a ampliação da consideração moral aos animais não-humanos pode estar alinhada à produção de desfechos globalmente mais favoráveis, tanto para animais desse grupo quanto para os seres humanos.

### Referências:

ARIOCH, David. Vegazeta. **88 bilhões de animais são abatidos para consumo por ano**. 2021. Disponível em: <https://vegazeta.com.br/88-bilhoes-de-animais-sao-abatidos-para-consumo-por-ano/>. Acesso em: 9 ago. 2022.

CUNHA, Luciano Carlos. **Quais problemas afetam as maiores quantidades de animais?: um breve resumo**. Um breve resumo. 2024a. Disponível em: <https://senciencia.org/2024/02/20/quais-problemas-afetam-as-maiores-quantidades-de-animais-um-breve-resumo/>. Acesso em: 8 dez. 2024.

CUNHA, Luciano Carlos. **Vieses que inclinam a uma negligência da situação dos animais selvagens**. 2024b. Disponível em: [https://senciencia.org/2024/04/22/vieses-que-inclinam-a-uma-negligencia-da-situacao-dos-animais-selvagens/#\\_edn1](https://senciencia.org/2024/04/22/vieses-que-inclinam-a-uma-negligencia-da-situacao-dos-animais-selvagens/#_edn1). Acesso em: 14 dez. 2024.

ECODEBATE (ed.). **Emissões da indústria da carne significam até 21% do total global**. 2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/09/12/emissoes-da-industria-da-carne-significam-ate-21-do-total-global/>. Acesso em: 25 set. 2023.

ÉTICA ANIMAL (ed.). *Dinâmica de populações e o sofrimento dos animais*. [sine data]. Disponível em: <https://www.animal-ethics.org/dinamica-populacoes-sofrimento-animais/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

HORTA, Oscar; TERAN, Dayron. *Reducing Wild Animal Suffering Effectively: why impracticability and normative objections fail against the most promising ways of helping wild animals*. In: **Ethics, Policy & Environment**, [sine loco], v. 26, n. 2, 2023, pp. 217-230. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21550085.2023.2200726>. Acesso em: 23 fev. 2025.

KANT, Immanuel. *Sobre um suposto direito de mentir por amor à humanidade*. Tradução de Artur Morão. In: KANT, Immanuel. **A Paz Perpétua e Outros Opúsculos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008, pp. 187-194.

PAIM, Cynthia. **“Quanto maior o consumo de carne, maior o risco de novas pandemias”**. [Entrevista cedida a] Marília Marasciulo. Revista Galileu. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/05/quanto-maior-o-consumo-de-carne-maior-o-risco-de-novas-pandemias.html>. Acesso em: 01 maio 2023.

PAIVA, Ayane de Souza; ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de; GUIMARÃES, Ana Paula Miranda. *Processos de alterização e consideração moral: o que o ensino de biologia celular tem a ver com isso?* In: SOUZA, Elaine de Jesus; SANTOS, Claudiene; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz (Org.). **Interculturalidade e transdisciplinaridade: “o que a biologia tem a ver com isso?”** Uberlândia: Navegando Publicações, 2021, pp. 139-156.

SINGER, Peter. **Animal Liberation**: The Definitive Classic of the Animal Movement. 40th anniversary edition. New York: Open Road Integrated Media, 2015a. *E-book*.

SINGER, Peter. *Are Some Causes Objectively Better than Others?* In: SINGER, Peter. **The Most Good You Can Do**: How Effective Altruism Is Changing Ideas about Living Ethically. New Haven and London: Yale University Press, 2015b, pp. 117-127.

SINGER, Peter. *Difficult Comparisons*. In: SINGER, Peter. **The Most Good You Can Do**: How Effective Altruism Is Changing Ideas about Living Ethically. New Haven and London: Yale University Press, 2015c, pp. 129-136.

SINGER, Peter. *Domestic or Global?* In: SINGER, Peter. **The Most Good You Can Do**: How Effective Altruism Is Changing Ideas about Living Ethically. New Haven and London: Yale University Press, 2015d, pp. 107-115.

SINGER, Peter. *Notes*. In: SINGER, Peter. **The Most Good You Can Do**: How Effective Altruism Is Changing Ideas about Living Ethically. New Haven and London: Yale University Press, 2015e, pp. 183-202.

SINGER, Peter. *Preface*. In: SINGER, Peter. **The Most Good You Can Do**: How Effective Altruism Is Changing Ideas about Living Ethically. New Haven and London: Yale University Press, 2015f, pp. VII-X.

SINGER, Peter. *Reducing Animal Suffering and Protecting Nature*. In: SINGER, Peter. **The Most Good You Can Do**: How Effective Altruism Is Changing Ideas about Living Ethically. New Haven and London: Yale University Press, 2015g, pp. 137-147.

SINGER, Peter. *What Is Effective Altruism?* In: SINGER, Peter. **The Most Good You Can Do**: How Effective Altruism Is Changing Ideas about Living Ethically. New Haven and London: Yale University Press, 2015h, pp. 3-11.

SINGER, Peter. **Practical Ethics**. 3. ed. New York: Cambridge University Press, 2011.